

## «98% ANTI UV» OU BRONZEAMENTO NATURAL: NOVAS TÉCNICAS ECOLÓGICAS DO CORPO?

*Bernard Andrieu*  
Université Paris Descartes  
Paris - França

*Petrócia Nobrega*  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Natal – RN – Brasil

**RESUMO:** Neste ensaio refletimos sobre o corpo e sua aparência, considerando-se o contato com o sol, as práticas de proteção solar e as técnicas de bronzeamento. De um lado, os investimentos em torno da proteção contra os raios ultravioletas, não apenas com a proteção de cremes solares, mas de roupas que prometem proteção de 98% da superfície coberta. De outro lado, o bronzeamento natural feito na praia ou em clínicas especializadas. Essas técnicas e práticas aportam elementos para nossa reflexão sobre a ecologia corporal ao nos permitir pensar a respeito da relação entre o corpo íntimo e social, as aparências, o desejo, as significações sociais construídas pela medicina, cosmetologia e pelo lazer.

**PALAVRAS CHAVE:** Banhos de Sol. Atividades de Lazer. Saúde.

## «98% ANTI UV» OR NATURAL BRONZE: NEW ECOLOGICAL TECHNIQUES OF THE BODY?

**ABSTRACT:** In this paper we reflect on the body and its appearance, considering the contact with the sun and the tanning and protection practices. On the one hand, investments around protection against ultraviolet rays, not only with the protection of solar creams, but with clothes that promise protection of 98% of the surface covered. On the other hand, the natural tanning done in specialized clinics. These practices provide elements for our reflection on body ecology by allowing us to think about the relationship between the intimate and social body, appearances, desire, social meanings built by medicine, cosmetology and leisure.

**KEYWORDS:** Sunbathing. Leisure Activities. Health.

### Introdução

Bronzear-se no Brasil tornou-se uma experiência contraditória. De um lado, desde a interdição das cabines de bronzeamento com raios ultravioleta (UV), em 2009, a proteção contra o sol é amplamente divulgada e serve a uma economia das técnicas

ecológicas com a produção do tecido Anti-UV que protegeria até 98% dos raios solares. O uso de vestimentas confeccionadas com esse tecido nas praias priva a pele do contato direto com o sol por sua densidade e impermeabilidade, impedindo a passagem dos raios ultravioletas, mas também dos raios solares que favorecem a síntese da vitamina D3. O índice do fator de proteção (*Ultraviolet Protection Factor*) de 15 a 50 ou mais é o mesmo das vestimentas que oferecem uma proteção contra os raios solares UVA e UVB, cujas radiações estão presentes antes das 10h da manhã e depois das 16h (UVA) e entre 10h e 16h (UVB), ambas penetram a pele e podem causar danos tais como queimaduras, envelhecimento das células, alergias e câncer. A proteção oferecida por essas roupas seria equivalente aos cremes protetores solares, que devem ser aplicados vinte minutos antes da exposição ao sol e reaplicados a cada duas horas ou após o banho de mar, como indicado pelos dermatologistas.

Por outro lado, o *bronzeamento natural* realizado em clubes, espaços privados e especializados, apresenta-se como uma nova possibilidade. Esses clubes ou “Maison do bronze”, destinados exclusivamente ao público feminino, desenvolvem-se com a promessa de um *bronzeamento natural*, garantindo o desenho perfeito das marcas do biquíni, este por sua vez sendo diretamente confeccionado sobre o corpo para valorizar a silhueta. O bronzeamento natural se faz expondo-se em torno de 2 horas ao sol, sem uso de cremes de proteção solar- exceto no rosto-, ou com o uso de um creme FP15% e, em outros espaços, com o uso de parafina. Assim, o bronzeamento é quase imediato. Em geral, a exposição deve ser feita entre 7 às 10h da manhã, mas nem sempre esse horário é assegurado.

Ao mesmo tempo em que se propaga a proteção contra os raios ultravioletas uma nova economia solar se desenvolve com uma indústria têxtil especializada e com

diferentes formas de se expor ao sol, como o “bronzeamento natural” que cresce nas cidades brasileiras. Observa-se aqui essa contradição estabelecida entre a proteção e os modos de se expor ao sol: por um lado busca-se uma proteção de 98% com o uso de cremes e, em particular, de roupas especializadas e por outro lado um “bronzeamento natural” quase ou sem nenhuma proteção solar com o intuito de se obter “um bronzeamento perfeito”. Essas novas técnicas ecológicas, dado sua relação com o meio ambiente, produzem uma consciência do corpo para se proteger contra o câncer de pele ou ainda do envelhecimento precoce, mas mantém também o desejo de ser ter a pele bronzeada, tendo-se um controle da forma desenhada sobre seu corpo pelas marcas do biquíni do tipo fio dental (*string*). O paradoxo apresentado nesse artigo repousa sobre o sentido contraditório dos partidários e dos adversários das mudanças climáticas na representação do perigo ou da energia de um mesmo elemento: o sol.

A partir dessa relação paradoxal e contraditória entre a proteção 98% dos raios ultravioletas e o bronzeamento natural buscamos refletir sobre a ecologia corporal, compreendida como “uma prática de si que se ocupa do cuidado dos outros por meio das escolhas de vida” (ANDRIEU, 2011, p. 12). Não se trata de um retorno a um estado de natureza ideal, mas a observação de nosso estilo de vida, nossos modos de produção e de consumação em relação ao meio ambiente e as diferentes maneiras como os elementos - o ar, água, o sol e a terra penetram nosso corpo para produzir novas formas de relação e de experiências de ser, de estar no mundo, de viver em sociedade e em nosso planeta.

A evolução das técnicas de coloração da pele pelo sol natural, agentes químicos ou elétricos, age sob a superfície da pele. Essas estimulações induzem mudanças metabólicas, em níveis celulares, em particular sob os melanócitos, responsáveis pelas

mudanças de pigmentação. A cada ano, a cada verão, a pele bronzeada é um estandarte estético à prova da saúde e bem-estar. Neste ensaio, apresentamos a fotomedicina como técnica de proteção contra o câncer e as roupas Anti-UV como técnica de “isolamento” ecológico e o bronzeamento natural como técnica eco-estética de imagem do corpo. Refletimos a respeito da relação do bronzeamento com o corpo íntimo e social, as aparências, o desejo, as significações sociais construídas pela medicina, cosmetologia, mas também pelo lazer na perspectiva de uma fenomenologia da natureza tal como esboçada por Merleau-Ponty entre os anos de 1956-1960 no *Collège de France* (MERLEAU-PONTY, 1956-1960) e de uma ecologia corporal (ANDRIEU, 2011; 2016). A partir dessas referências afirmamos que a natureza não está apenas fora de nós, mas ela é o solo que nos sustenta assim como nosso corpo próprio e estesiológico nos permitem habitar o espaço e tempo e criar sentidos diversos para nossa existência individual e coletiva.

Com essa abordagem não se busca um retorno mítico à natureza, nem um conceito transcendental, mas uma experiência vivida por meio do corpo e das práticas corporais em um processo de ecologização dos sujeitos implicados, de suas técnicas, hábitos, valores e estilos de ser no mundo. Nesse ensaio buscamos movimentar essas perspectivas filosóficas por meio do contato do corpo com o sol, destacando o ato de bronzear-se.

### **Bronzear-se**

O bronzeamento é um tema pluridisciplinar relacionado às práticas corporais na natureza, ao lazer e à estética como nos mostram Andrieu (2008; 2016); Andrieu e Nóbrega (2016); Schosseler (2016). Ele engaja uma reflexão sobre o vivido e as

sensações corporais; bem como sobre as técnicas cosméticas, estéticas, médicas e educativas. O bronzeamento é compreendido na história da interação técnica entre o homem e a natureza que começa com a experiência da nudez, senão do naturismo. A pele serve de interface entre o exterior e o interior do corpo. Tanto sua exposição, e sua queimadura, modifica o vivido corporal. Segundo os autores citados, o bronzeamento é uma técnica corporal inventada no início do século XX, mas cuja significação evoluiu por meio de técnicas mais ecológicas: utilização da energia solar, proteção por cremes, bebidas energéticas, automedicação pelo uso de capsulas de vitamina D para melhor captar os raios solares, e, aqui, acrescentamos a fabricação e uso de tecidos que pretendem proteger a pele em 98% contra os raios ultravioletas perigosos para a pele humana e ainda o bronzeamento natural como uma prática resignificada no Brasil a partir da interdição do bronzeamento artificial em clínicas estéticas a partir de 2009.

Mas, a história e a invenção do bronzeamento datam de um tempo anterior. Até o início do século XX, ter uma pele branca era um critério de beleza. Uma pele bronzeada era atribuída às classes trabalhadoras, aos camponeses, sendo menosprezada pelos nobres, aristocratas e burgueses. Banhos à base de leite, uso de pó de arroz e outras técnicas eram utilizadas para clarear a pele. No início do século XX, a estilista francesa Coco Chanel revoluciona o mundo da moda e a aparência da mulher na sociedade. Em seus passeios na praia de Deauville, na França, ela coloca em cena a pele bronzeada que passa a ser um “fato de sociedade”. Desde então, associada a uma nova indústria cosmética de produtos de beleza, óleos e cremes para bronzear, o sol torna-se sinônimo de beleza, liberdade, saúde, riqueza e luxo (RENTIÈRES; CANESI, 1984; ANDRIEU, 2008; VIGARELLO, 2004).

A pele é uma superfície estesiológica, lugar de passagem e incorporação de sensações. Nela, a gradientes sensíveis a partir dos quais Andrieu (2016), apresenta uma escala estesiológica da profundidade solar. O autor define quatro graus de imersão solar que ele define como êxtase solar, ecologização corporal, osmose experimental e profundidade da energia. Esses graus por sua vez estão relacionados às experiências com o sol, as técnicas imersivas (aquecimento ao sol, bronzeamento, cura solar, arquitetura solar) e as sensações de emersão (calor, cor, melhora da estima de si, pertencimento ao cosmos). Essa escala estesiológica integra o projeto de uma ecologia corporal. “A ecologização corporal é uma profundidade reguladora do organismo, revelada pelo feedback do bronzeamento na incorporação no eu dos elementos e dos meios. Ela opera uma transformação, se não uma mutação corporal pelos efeitos de sua imersão em nossos sistemas de adaptação” (ANDRIEU, 2016, p. 267).

Essa ecologia corporal contida nas técnicas é uma disciplina surgida com o naturismo filosófico; a ecologia profunda (NAESS; ROTHEMBERG, 1999); as práticas holísticas ou integrativas do corpo-cérebro-espírito desde os anos 1850 no ocidente e bem antes no oriente, notadamente no campo do lazer corporal (RAVENEAU; SIROST, 2011), da vida ao ar livre (SIROST, 2009) e das técnicas corporais (MAUSS, 2012), como as técnicas de bronzeamento. Nesse contexto, bronzear o corpo, de preferência depilado, ultrapassa a intimidade por meio da exposição solar. A nudez ensolarada, exceto para os naturistas, apresenta-se nessas práticas de bronzeamento mais como um modo de aparência que um modo de ser. As partes não bronzeadas do corpo desenham a privacidade íntima por trás das vestimentas, as quais nem o sol, nem o olhar do outro irão colorir.

A pele é uma superfície linguística, pensante, expressiva. As marcas corporais, a maquiagem, o bronzeamento, as pinturas corporais (*body-paint*) e a tatuagem são modos de designação de si mesmo no grupo social. Na superfície de sua pele nosso corpo está obrigatoriamente em contato com seu meio ambiente solar, mas nem sempre se protege de seus raios. Proteger-se do que é exterior e que está fora de nós depende ainda de crenças sobre a comunicação entre essas realidades, seja recobrando a pele de creme de proteção solar ou de terra ocre como na África não significa a mesma relação com o cosmos. Como nos mostram Andrieu e Boëtsch (2013) e Urbain (1994), as adaptações culturais aos elementos, em particular ao sol, são variáveis: proteção contra os raios como entre os europeus e suas peles brancas, imersão no sol entre os Incas ou as culturas ameríndias, aquecimento das casas e fornos solares nas comunidades antárticas, invernagem no Mediterrâneo estival quando do giro da Europa dos ingleses.

Nos rituais, há uma codificação das marcas corporais. Hoje o sujeito marca sua pele para constituir uma imagem do corpo. Cada um constrói um corpo de identidade, conforme normas sociais e estéticas. Nesse sentido, a relação interior/exterior é sempre fundada sobre a incorporação de regras estéticas mais ou menos escolhidas. O sujeito vai delimitar o contorno da sua face e de sua pele. Há então alterações temporárias do corpo (maquiagem, coloração dos cabelos, *piercing*) e alterações permanentes ou quase sempre definitivas (tatuagem, ablação). O sujeito defende suas escolhas porque ele se sente, sobretudo a partir dos anos 1970, como proprietário de seu corpo. Isso supõe que ele tenha uma reflexividade performativa sobre seu próprio corpo, construindo-se uma identidade através da performance que faz com seu corpo (ANDRIEU; BOËTSCH, 2013).

De acordo com Andrieu (2016), ao acentuar o corpo, sua fisiologia e sua aparência, descobrimos que as representações não precedem as práticas, pois as técnicas – cosméticas e estéticas, propõem novas práticas de imagem do corpo. O corpo não é definido e acabado por uma representação que gostaria de contê-lo em uma série de disposição e hábitos. A modificação do olhar e da aparência no bronzeamento encontra uma conjunção de inovações técnicas que engendram novas representações dos sujeitos e da história do corpo. O bronzeamento é uma consequência de uma nova relação com o corpo, permitida pela nudez do biquíni, pela invenção dos cremes solares, por uma nova imagem do corpo da mulher- e dos homens também, liberando sua pele por meio de uma nudez aceitável fora dos círculos naturistas e por uma nova sensação de calor, de relaxamento e de bem-estar. Em geral gratuito e disponível – exceto nos clubes e clínicas estéticas de bronzeamento-, o sol, por meio do bronzeamento, seria um meio de mudar a pele, ao expor voluntariamente seu corpo, considerando-se, logicamente, o risco cancerígeno implícito. Esse processo de auto coloração participa da mutação identitária do sujeito contemporâneo. A pele como superfície estesiológica, também aponta o limite sensorial do nosso corpo. Subjetivamente, esses limites são extremamente variáveis o que faz com que nossa aparência não seja algo de objetivo posto que dependa da atenção que portamos a nós mesmos ou do discurso que sustentamos sobre nosso próprio corpo e o olhar dos outros.

### **Fotomedicina e Roupas Anti-UV: Prevenção do Câncer e Novo Mercado da Ecologia Solar**

O Instituto australiano de saúde e bem-estar (*Australian Institute of Health and Welfare*) e a Associação contra o câncer daquele país (*Australasian Association of*

*Cancer Registries*) demonstraram que a incidência de melanoma sobre a pele dos australianos começou nos anos 1930, mas as políticas de prevenção começaram a surgir apenas quarenta anos mais tarde, em 1970. Em 1997, a taxa de incidência era de 50,5% para os homens e 39,9% para as mulheres. Dados do ano de 2016 fornecidos pelo Instituto Nacional do Câncer (INCA)<sup>1</sup>, vinculado ao Ministério da Saúde, estimam a incidência de 175.760 novos casos, sendo 80.850 homens e 94.910 mulheres. Os dados mostram que o câncer de pele é mais comum em pessoas com mais de 40 anos, sendo relativamente raro em crianças e negros, com exceção daqueles já portadores de doenças cutâneas anteriores. Pessoas de pele clara, sensível à ação dos raios solares, ou com doenças cutâneas prévias são as principais vítimas.

Um estudo brasileiro publicado na Revista americana *Photochemistry and Photobiology* revelou que os 704 adolescentes que responderam a um questionário sobre o impacto da exposição ao sol na incidência do câncer de pele, em Porto Alegre, no ano de 2005, conhecem os perigos dessa prática, mas pensam que para terem uma aparência bronzeada vale a pena correr o risco. O estudo mostra ainda que a atividade de lazer mais comum entre os meninos era o esporte; as meninas preferem passeios e banhos de sol. A exposição ao sol foi significativamente maior no verão, quando 90% dos alunos foram para a praia. Cerca de 47% relataram usar protetor solar no verão e apenas 3% relataram usar protetor solar durante o inverno. Afirmam ainda que as campanhas de esclarecimento sobre os perigos de exposição ao sol não são eficientes para mudar seus hábitos (BENVENUTO-ANDRADE *et al.*, 2005).

Em que pese à atualidade e relevância da pesquisa acima indicada, observamos novos hábitos de exposição ao sol. Em 2015, a Sociedade Brasileira de Dermatologia,

---

<sup>1</sup> [http://www2.inca.gov.br/wps/wcm/connect/tiposdecancer/site/home/pele\\_ao\\_sol\\_melanoma](http://www2.inca.gov.br/wps/wcm/connect/tiposdecancer/site/home/pele_ao_sol_melanoma). Acesso 30

lançou a campanha “Dezembro Laranja”, chamando atenção para os fotodanos. A ação ganha destaque com o movimento “O corpo fala – cuide da sua pele”, para chamar a atenção das pessoas sobre os problemas menos graves de pele causados pela exposição ao sol sem proteção<sup>2</sup>. A exposição excessiva pode causar sardas, rugas, melasma, queimaduras e evoluir para o câncer da pele. A proteção solar tem sido uma preocupação face à incidência de doenças da pele, câncer de pele e mesmo face ao envelhecimento precoce. Campanhas de prevenção, produtos de proteção contra os raios ultravioletas perigosos para a pele tem e tornado uma constante, embora pareçam ainda não serem suficientes. Novas tecnologias aparecem no mercado, como é o caso dos tecidos com fatores de proteção que buscam proteger até 98% a superfície da pele.

Na praia de Byron-Bay, na Austrália, em Porto Alegre ou em outras praias brasileiras, como na praia de Pipa, no estado do Rio Grande do Norte, os trajes Anti-UV ocupam um novo mercado: o da ecologia solar. O sol doravante causa medo em razão dos efeitos cancerosos de seus raios demonstrados em meados do século XX, notadamente a partir dos trabalhos de Thomas B. Fitzpatrick que estabeleceu em 1958, os melanomas e uma classificação dos tipos de pele e que encontramos hoje nos frascos de protetor solar com os índices de proteção solar de 30, 50 ou mesmo 60 inclusive para crianças. Essa evolução repousa sobre a descoberta dos fototipos. A classificação de Fitzpatrick é largamente utilizada para determinar o tipo de pele e medir os níveis de sensibilidade à exposição solar. O papel da luz solar na etiologia do melanoma maligno é descrito nessa classificação da pele estabelecida por Fitzpatrick. Por seus esforços e de outros, os primeiros cremes de proteção solar foram avaliados e desenvolvidos para a utilização do grande público nos anos 1980 (MIHM; SOBER, 2004).

---

<sup>2</sup> <http://www.controleosol.com.br/sobre-a-campanha/> Acesso em 30 janeiro de 2017.

Com a proteção por cremes de modo proporcional aos diferentes índices de sensibilidade da pele, as campanhas de proteção tornam-se campanhas de prevenção. Acreditando-se controlar o sol por meio de técnicas de bronzeamento, o tipo ocidental consegue se proteger somente quando compreende o sol como um “amigo estético” e não um “inimigo sanitário”. Assim, Jean-Pierre Césarini, que criou a Associação para a “Seguridade Solar”<sup>3</sup>, desenvolve uma “educação solar”, ligada ao esporte, ao lazer e ao turismo, inscrevendo-se no campo da prevenção do programa INTERSUN, criado em 1992, da Organização Mundial da Saúde (OMS), com a participação de diferentes associações na França, Alemanha, Japão, Austrália, México e Estados Unidos, engajados na proteção do meio ambiente e saúde humana<sup>4</sup>.

Desde junho de 2008, uma nova norma europeia proíbe a menção “proteção total” e redefine os cálculos dos índices de proteção solar. Os óculos de sol para bebês (0-2 anos) e crianças (2-5 anos) são doravante equipadas com lentes em policarbonato UV400 (categoria 3) para filtrar os raios solares. Os chapéus e *bandanas* também são tratados com Anti-UV para bloquear os raios UVA e UVB. Camisetas ou maiôs de banho com proteção solar também aparecem no mercado, garantindo uma superfície coberta e protegida. Em países como Austrália, Estados Unidos e Brasil utilizam essa norma para calcular o grau de proteção das vestimentas contra os raios ultravioletas. As técnicas Anti-UV que anunciam proteção até 98% dessas vestimentas, são criadas ao mesmo tempo pela agentividade ética dos doentes de câncer e a inventividade tecnológica dos fabricantes têxteis.

---

<sup>3</sup> [www.infosoleil.com](http://www.infosoleil.com) . Acesso em:30 jan. 2017.

<sup>4</sup> <https://www.who.int/uv/intersunprogramme/activities/fr/> Acesso em: 30 jan. 2017.

Quando, em 2007, os médicos diagnosticaram que a jovem farmacêutica americana Summer Krammer<sup>5</sup>, então com 26 anos e vivendo na Austrália, havia um melanoma, ela logo se deu conta que, com exceção dos macacões para os surfistas, não havia roupas com tratamento Anti-UV. Ela então passa a coletar fundos para a criação do projeto “SUMMERSKIN: Sun Protection Meets Style”<sup>6</sup>, *proteção solar com estilo e com proteção Anti-UV*. A marca acentua a alternativa “chique” que representa face a concorrência que, a seu turno, fabrica roupas para pescadores e surfistas. O desafio era escolher tecidos ao mesmo tempo confortáveis, leves e que filtram 98% dos raios solares, enquanto as roupas normais bloqueiam apenas 5%. No Brasil, a partir desse princípio ligado a moda e ao estilo, são desenvolvidas coleções de roupas de banho que são a um só tempo estéticas e que garantem a proteção. Muitas marcas podem ser vistas seja na internet seja em lojas situadas pelas cidades litorâneas, etc. Apenas para ilustrar, fizemos uma busca na internet com os termos “roupa de banho com proteção UV”, encontramos 219.000 (duzentos e dezenove mil resultados). Mesmo grandes marcas de lojas de roupas esportivas como *Decathlon* anunciam esses produtos, o que reforça nossa ideia de um mercado em torno da ecologia solar.

Na produção dessas roupas com proteção solar, o princípio técnico consiste em introduzir partículas de cerâmica que tem por efeito dispersar os raios ultravioletas ou como no procedimento australiano nomeado *Rayosan*, desenvolvido pela *SunSAFE*, uma empresa australiana e por pesquisadores do Departamento de Têxteis da Universidade do Sul do País de Gales. Esta tecnologia permite aumentar o Fator de Proteção Solar do tecido sem alterar sua aparência e sua "respirabilidade". Os tecidos são impregnados de Dióxido de Titânio (TiO<sub>2</sub>) que são capazes de absorver os raios ultravioletas, formando

---

<sup>5</sup> <https://sunprotection.com.au/sun-protection-clothing-australia/> Acesso em:30 de jan. 2017.

<sup>6</sup> <http://yoursummerskin.com>. Acesso em: 30 jan. 2017.

uma barreira de proteção eficaz. Com o regulamento 2016/1143, publicado no *Journal officiel de l'Union européenne*, que dispõe sobre produtos cosméticos, o dióxido de carbono, que concerne aos filtros ante raios ultravioletas autorizados nesse gênero de produto, passa a ser proibido nos produtos do tipo *spray*. A taxa não deve ultrapassar 25% nos tecidos. Conforme a norma de proteção FP 50 +, seco ou molhado, a roupa deixa passar 1/50º de raios UV produzidos pelo sol. Seriam necessárias cinquenta vezes mais de tempo para queimar ou bronzear. Assim, a taxa de 98% de proteção pretende-se a uma garantia máxima contra os raios ultravioletas. O problema que observamos nas praias brasileiras é o uso permanente desses tecidos, na sombra ou ao sol, fazendo com que a pele seja bastante impregnada desse produto tóxico. Nota-se que a consciência dos riscos do câncer ou mesmo de envelhecimento precoce devem ser consideradas na exposição ao sol, mas não devem ser motivos de privação e mesmo de diabolização dessa prática.

Na esteira dos autores franceses e dos higienistas, Schosseler (2016) nos mostra como o território balneário foi investido pelos banhos de mar, curas solares, vida ao ar livre. “O discurso médico de que o mar pode curar tudo incitou os banhistas à busca pela orla marítima” (SCHOSSELER, 2016, p. 241). Para além de práticas médicas e higienistas, a sensação de calor, os esportes e o culto ao corpo também são buscados pelos banhistas, em especial no verão, incluindo práticas de bronzeamento.

De acordo com Schosseler (2016) e Andrieu (2008), se inicialmente a pele branca era sinônimo de distinção social e diferenciava os veranistas da elite abastada dos pescadores e daqueles que trabalhavam ao sol, com a mudança de sensibilidades o bronzeado também passou a ser visto como parte da higiene corporal. Assim, “a praia é

dos morenos, não há mais corpos claros, a luz ardente dourou a brancura das epidermes” (SCHOSSELER, 2016, p. 256).

Fototipo, fotosensibilidade, fotoproteção, fotodanos, fotoeducação. Esses termos compõem um vocabulário que vem sendo amplamente difundido para investir nossas praias, nossa sensibilidade e nossos hábitos na condição de reguladores da nossa relação com o corpo e com o meio ambiente, em particular no que se refere à exposição solar. Novas práticas, técnicas, produtos, publicidade e investimentos também são considerados, muitas vezes no sentido oposto, como é o caso do bronzeamento natural e o desejo de parecer mais jovem, mais bela e sensual como propagado pelas adeptas dessa técnica.

### **Bronzeamento Natural: Um Risco Transgressivo?**

A descoberta do corpo implica uma nudez socialmente inaceitável em um primeiro momento, sendo depois aceita desde que as imagens das *stars* e a publicidade começa a difundir a possibilidade subjetiva e a mediação objetiva de seu próprio corpo (BRUMBERG, 1997). Rauch (2001) sublinhou como a pele bronzeada, lisa e firme tornam-se uma aposta, assim o corpo não se contenta mais apenas em ser curado e reabilitado: ele se oferece ao olhar. Por essa razão, desejamos fortalecê-lo por meio dos esportes e dourá-lo para colocá-lo em cena.

Com a era do lazer, a praia e à exposição ao sol por razões estéticas ganha cada vez mais espaço em nossas sociedades. Mas, essa exposição ao sol em tempos de aquecimento global também apresenta seus riscos como mostra. Nesse contexto, uma pele bronzeada é associada ao culto ao corpo, à saúde, à beleza e juventude. Como nos mostra Andrieu (2008), o bronzeamento nem sempre foi a norma estética e social

vigente. Segundo o autor, antes dos anos 1950, uma pele branca era símbolo de beleza e de status social. Essa mudança na relação com a aparência do corpo, em particular por meio do bronzeamento da pele, adquire novos contornos e novos sentidos culturais, impulsionados pela revolução sexual, mas também pela indústria cosmética. “Bronzear-se é mostrar sua pele à natureza, mas também aos outros. Se a pele branca atrai simbolicamente por sua inocência, candura e virgindade, a pele bronzeada erotiza o desejo” (ANDRIEU, 2008, p. 27).

Atualmente, observa-se um novo fenômeno relacionado a técnica de bronzeamento: dito “bronzeamento natural”. Neste, as mulheres expõem-se ao sol em locais fechados e apenas nos horários considerados próprios. Além disso, elas usam um biquíni especial feito de fitas adesivas que desenhavam o corpo, garantindo uma marca mais definida. No Jornal Tribuna do Ceará, de 15 de novembro de 2016, uma reportagem indica que a técnica foi criada em Goiânia, em 2004, sendo depois levada para o Ceará e outras capitais do Nordeste brasileiro<sup>7</sup>. Em conversa com proprietárias das diferentes clínicas especializadas nesse tipo de bronzeamento que visitamos as informações não são precisas. Uma delas, em João Pessoa nos informa que aprendeu a técnica em Fortaleza e que o bronzeamento natural havia surgido a partir da interdição das clínicas de bronzeamento artificial, que no Brasil ocorreu em 2009.

Com essa modalidade, bronzear-se integralmente com pouca proteção não se caracteriza como uma prática naturista, mas como uma técnica eco-estética reservada, até o momento, apenas às mulheres, de todas as idades que buscam se bronzear. Em conversa informal com mulheres que fazem o bronzeamento natural, nos espaços que

---

<sup>7</sup> <https://tribunadoceara.uol.com.br/diversao/comportamento/bronzeamento-em-local-privado-e-com-radiacao-natural-ganha-adeptas-em-fortaleza/> Acesso em: 30 jan. 2017.

visitamos: uma clínica em João Pessoa e duas em Natal, no ano de 2016 elas afirmam que estão ali para adquirir um bronze perfeito, para aumentar a autoestima, sentirem-se sensuais e agradarem seus companheiros. Afirmam ainda que não se sentiam à vontade em portar um biquíni tão pequeno, em geral fio dental, na praia, na presença dos filhos, dos amigos ou de outros olhares curiosos.

Além dessas conversas informais, passamos a descrever nossa experiência em dois desses espaços, os quais frequentamos nas cidades de João Pessoa e de Natal, nos meses de novembro e de dezembro de 2016. Inicialmente destacamos que não houve diferenças significativas entre eles, pois seguem o mesmo protocolo. Em uma cabine reservada- com espaço para uma ou duas pessoas serem atendidas ao mesmo tempo - ficamos nua e a pessoa responsável, desenha o biquíni em nosso corpo, usando fita adesiva colorida. A forma, bem decotada, desenha e ressalta a silhueta. Feito o biquíni, passamos ao sol. Aconselha-se o uso de protetor e mesmo bloqueador solar no rosto, mas no corpo apenas o uso de um creme com fator de proteção 15 em um dos espaços e nos outros, o uso da parafina para acelerar ainda mais o bronzeamento, segundo a resposta dada a nossa questão pela pessoa responsável. Deitadas sobre *chaises longues* ou uma espécie de maca, permanecemos por aproximadamente duas horas, mudando de posição a cada 20 minutos. Esse tempo é controlado pela pessoa responsável que, de tempos em tempos vem nos refrescar com jatos de água, suco de frutas ou água. Esse momento de “refrescamento” é agradável, em função da temperatura elevada dos meses de verão nas capitais nordestinas. Após o sol, podemos clarear os pelos ou fazer uma massagem. Cada sessão custa em torno de R\$70,00 (Setenta Reais), mas há o pacote com 3 ou 4 sessões em torno de R\$ 200,00 (Duzentos Reais) para garantir “a marca

perfeita”, conforme os *slogans* difundidos nesses espaços e em seus respectivos sites na internet.

As mulheres que trabalham nesses espaços e que nos acompanham durante todo o processo são jovens e portam roupas com 98% de proteção Anti-UV. Elas nos aconselham ainda a não tomar sol em outros lugares, para não perdemos o desenho da marca. Notamos que não há nenhum conselho sobre os riscos da exposição solar na incidência do câncer de pele. Quando questionadas por mim sobre esses riscos, mencionam que não recebem clientes a partir das 10horas, pois o procedimento deve terminar até no máximo meio-dia. No entanto, em nossa observação, clientes chegavam após as 10 horas e eram recebidas. As mulheres com as quais conversamos- de diferentes idades, profissões e poder aquisitivo diversos dizem se sentirem muito bem com a pele bronzeada e com a marca do biquíni bem definida, considerada por elas como sendo muito sensual. Algumas se comparam as modelos expostas na revista Playboy, sentindo-se belas e desejadas.

Em uma busca nas redes sociais encontramos fotos e propagandas que estimulam as mulheres a conquistarem um “bronzamento 100 natural e saudável”: “Bronze saudável é bronze gradativo e nos horários corretos”; “biquíni de fita adesiva exclusivo para você”; “A marquinha perfeita”; “amigas juntas ao sol”; “desenhando no seu corpo a marquinha do verão”; “verão com pele dourada”; “a marquinha mais sensual”; “a marquinha perfeita com a privacidade que você merece”; dê um *up* na sua autoestima”. Em outro anúncio, expõe-se as perguntas mais frequentes das clientes: “1) Mulheres gordinhas vão se bronzear? 2) A fita irá segurar meus seios grandes? 3) Tenho vergonha, pois só vejo mulheres saradas nas redes sociais de vocês”. E a resposta, acompanhada de uma foto de uma mulher considerada “fora de forma”, segundo os

padrões estéticos vigentes:” Meninas, essa foto diz tudo! Ame-se. Venha fazer seu bronze”.

De acordo com Vigarello (2004), a beleza possui uma dinâmica temporal na qual se deslocam oposições sociais e culturais que influenciam os critérios, os padrões do que é considerado como belo. Trata-se de um processo lento no qual os modelos permanecem por longo tempo de modo absoluto. Mas, essa beleza muda de acordo com as grandes dinâmicas sociais, as rupturas sociais, os conflitos de gênero ou de geração. De acordo com o autor, na história da beleza o aspecto do bronzeamento é decisivo, ele se impõe sobre os corpos, em particular das mulheres, aportando uma nuance hedonista à tradição higiênica.

Segundo Vigarello (2004), no início do século XX uma nova instituição nasce: os institutos de cuidados com a beleza. Uma profissão se especializa na estética física e uma nova unidade de práticas e de produtos se constitui. A beleza e a vida ao ar livre, em particular no período de férias passadas na praia – com os banhos de mar e à exposição ao sol, irá valorizar a marca deixada no corpo por essas atividades “fora” do espaço do lar ou do trabalho. Nesse sentido, o bronzeamento irá sugerir os souvenirs das férias e a verdadeira beleza do corpo. As férias fabricam uma estética, notadamente com as técnicas e práticas de depilação e bronzeamento; bem como um regime das aparências que buscam revelar uma imagem de si associada à beleza e ao bem-estar.

Essas práticas se amplificam com novos usos, produtos e técnicas destinadas aos cuidados com o corpo e sua aparência. Para Vigarello (2014), a percepção do corpo nos dá o sentimento de si, revelando o desejo de transformação de si por meio de exercícios, dietas, cirurgias, bronzeamento, etc. Mais do que nunca a injunção mencionada por Michel Foucault se atualiza: “fique nu, mas seja magro, bonito, bronzeado”

(FOUCAULT, 1979, p. 147). O poder investe no corpo não mais por uma hipótese repressiva, mas pelo controle-estimulação. Nesse movimento, há também os espaços de resistência nos quais buscamos novas formas de subjetivação para resignificar essas injunções sociais cada vez mais presentes em nosso cotidiano e os modos como nos relacionamos com nosso corpo.

### **Considerações Finais**

Refletir sobre o bronzeamento nos propiciou abordar a relação do corpo com a natureza, com as técnicas, com os produtos destinados à fotoproteção, em particular no espaço da praia, do lazer e da estética corporal. No bronzeamento, a transgressão é dupla. De uma parte o risco de câncer de pele que seria eventualmente controlado pelo tempo de exposição ao sol, hidratação, etc. De outra parte, o pudor de expor o corpo, como nos mostra Granger (2008), em uma praia pública ou piscina, as levam a transgredir frequentando esses espaços de bronzeamento. Escondidas, mas inteiramente expostas ao sol e a sua nudez, essas mulheres sacrificam seu tempo, dinheiro e saúde para redefinir suas aparências por meio do bronzeamento.

A exposição ao sol não deve ser diabolizada, ela integra os regimes de saúde e bem-estar desde os tempos dos higienistas como uma das maneiras de tratamento (helioterapia), antes mesmo de se tornar parte do culto ao corpo a partir dos anos 1960. Face a consciência dos riscos relacionados à exposição solar, pensamos em uma eco-estética que propicie benefícios ao corpo e ao equilíbrio ecológico por meio do contato mesmo com a energia solar e uma vida ao ar livre, em interação com o meio ambiente. Por outro lado, a supervalorização estética da pele e do corpo revela questões sociais, eróticas, econômicas, questões de gênero, entre outras como podemos perceber nos

relatos aqui observados ou nas redes sociais consultadas e destinadas a difundir o “bronzeamento natural” como técnica de exposição aos raios solares.

No ocidente o bronzeamento é apreciado por diferentes razões, em especial, em nossos dias, por razões estéticas. A relação com o sol integra a dimensão de uma ecologia corporal na qual o bronzeamento nos leva a tomada de consciência decisiva no que diz respeito ao meio ambiente, as relações com a saúde e o bem-estar. Se o calor e a cor invadem a pele, favorecendo a sensação solar, o modelo energético deve ser prioritário em relação ao modelo estético. A supervalorização estética da pele releva questões sociais, eróticas e econômicas. Assim, o bronzeamento, na dimensão da ecologia corporal, pode nos levar a pensar em um contato mais harmonioso com nosso próprio corpo e com o ambiente no qual vivemos.

O contato com os elementos naturais pode contribuir para uma educação da sensibilidade ecológica, aportando ainda uma possibilidade de fruição da energia solar e dos outros elementos da natureza. Na perspectiva da ecologia corporal busca-se o contato com os elementos da natureza como um modo de imersão nas sensações corporais como a respiração, o naturismo, a energia, a luz, a caminhada, a meditação e outras técnicas para se experimentar; bem como para promover modos de vida coletivos, associativos, solidários, cooperativos para tecer alternativas de modo de vida ecológico, ainda que de maneira lenta, mas segura para as escolhas sociais e estilos de vida mais solidários e harmônicos.

## REFERENCIAS

ANDRIEU, B. **Bronzage**. Une petite histoire du soleil et de la peau. Paris: CNRS, 2008.

ANDRIEU, B. **En plein soleil**. Vers l'énergie. Biarritz: Atlantica, 2011.

\_\_\_\_\_. A osmose solar: colorir a pele ou mergulhar no calor? In: SOARES, C. (Org.). **Uma educação pela natureza: a vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana**. Campinas: Autores Associados, 2016. p. 263- 279.

\_\_\_\_\_.; BOËTSCH, G. (Dir.). **Corps du monde**. Atlas des cultures corporelles. Paris: Armand Colin, 2013.

\_\_\_\_\_.; NÓBREGA, T.P. O Naturismo como Ecologia do Corpo: Um Exemplo Vivido na Praia de Tambaba, Paraíba, Brasil. **Licere**, v. 9, n.4, p.34-59, 2016.

BENVENUTO-ANDRADE, C. ZEN, B.: FONSECA, G.; VILLA, D.; CESTARI, T. Sun Exposure and Sun Protection Habits Among High-school Adolescents in Porto Alegre, Brazil. **Photochemistry and Photobiology**, v. 81, n. 3,p. 630-635. Disponível: <https://wiley.daneshgostar.org/wol1/doi/10.1111/j.1751-1097.2005.tb00236.x/abstract> . Acesso em : 30 jan. 2017.

BRUMBERG, J. **The Body Project**. An Intimate History of American Girls. New York: Random House, 1997.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GRANGER, C. Batailles de plage. Nudité et pudeur dans l'entre-deux-guerres. **Rives méditerranéennes**, n° 30, Aix-Marseille, 2008. p. 117-133.

MAUSS, M., 2012. **Techniques, technologie et civilisation**. Paris: PUF, 2012.

MERLEAU-PONTY, M. **La Nature. Notes des Cours au Collège de France 1956-1960**. Établi par Dominique Séglaard. Paris : Seuil, 1995.

MIHM, M.C.; SOBER, A.J. Melanoma Before and After Thomas B. Fitzpatrick. **Journal of Investigative Dermatology**, Issue 122, p. 1046- 1523, 2004.

NAESS, A. ; ROTHEMBERG, D. **Vers une écologie profonde**. Marseille: Wildproject, 1999.

RAUCH, A. **Les vacances en France de 1830 à nos jours**. Paris: Fayard, 2001.

RAVENEAU, G.; SIROST, O. (Éds.). **Anthropologie des abris de loisirs**. Paris: PU de Nanterre, 2011.

RENTIÈRES, C.; CANESI, M. **Bronzer: le guide du bronzage**. Paris: Pierre Horay, 1984.

SIROST, O. **La vie au grand air. Aventures du corps et évasions vers la nature**. Nancy: PUN, 2009.

SCHOSSELER, J. Sol e mar: veraneios no litoral gaúcho no início do século XX. IN SOARES, C. (Org.). **Uma educação pela natureza**: a vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana. Campinas: Autores Associados, p. 239- 261, 2016.

URBAIN, J-D. **Mœurs et coutumes balnéaires**. Paris : Payot&Rivages, 1994.

VIGARELLO, G. **Histoire de la beauté**: le corps et l’art d’embellir de la renaissance à nos jours. Paris: Seuil, 2004.

VIGARELLO, G. **Le sentimento de soi**: histoire de la perception du corps. Paris: Seuil, 2014.

**Endereço dos Autores:**

Bernard Andrieu  
5 Rue Edouard Branly, Issy Les Moulineaux,  
Paris – France – 92.130  
Endereço Eletrônico: bandrieu59@orange.fr

Petrócia Nobrega  
Av. Nascimento de Castro 1645, apto 602, Lagoa Nova  
Natal – RN – 59.056-450  
Endereço Eletrônico: pnobrega68@gmail.com